

Países do euro surpreendem mercado e cortam suas taxas de juros para 3%

BC alemão explica que decisão foi motivada pelo desaquecimento da economia

• FRANKFURT. Os 11 países que lançarão a moeda única européia, o euro, no próximo dia 1º de janeiro, surpreenderam ontem o mercado e cortaram suas taxas de juros numa ação coordenada para reativar a economia da região. Todos os países reduziram juros para 3%, com exceção da Itália, que diminuiu a taxa para 3,5%.

O movimento foi liderado pelo Bundesbank (o BC alemão) e pelo Banco da França, que cortaram suas taxas em 0,3%. Minutos depois, Irlanda, Finlândia, Holanda, Bélgica, Áustria, Espanha, Luxemburgo e Portugal anunciaram cortes de até 0,75% para o mesmo patamar.

Em um comunicado divulgado ontem, o Banco Central Europeu (BCE), que definirá a política monetária para todos os países do euro a partir de janeiro, disse que a taxa referencial de 3% será a taxa de juros inicial para todo o bloco. O BC italiano terá que reduzir sua taxa em 0,5 ponto percentual até janeiro.

Economistas esperavam mudanças só no dia 22

Segundo o presidente do Bundesbank, Hans Tietmeyer, a decisão foi motivada por sinais de desaquecimento da economia da região e reduzirá as pressões sobre a política de juros do BCE nos primeiros meses de circulação do euro.

— Isso abre os horizontes, remove as incertezas sobre o nível das taxas de juros — disse ele.

Os economistas foram pegos de surpresa porque esperavam mudanças nos juros europeus somente no dia 22 deste mês, para quando está prevista a próxima reunião do BCE.

Nas últimas semanas, o Bundesbank alemão, o mais poderoso banco central da Europa, vinha sofrendo pressões do novo ministro das Finanças do país, Oskar Lafontaine, para diminuir o custo dos empréstimos bancários, como forma de impulsionar a economia do país e reduzir o desemprego. Mas Tietmeyer ga-

rantiu que a decisão de ontem não teve motivação política. O BC reduziu apenas a taxa de desconto para 3%, deixando inalteradas a taxa lombarda, em 4,5%, e a taxa de desconto, em 2,5%.

As condições econômicas na Europa mudaram drasticamente desde a última alteração nos juros alemães, há um ano, quando o Bundesbank elevou a taxa para 3,3%, para conter o aumento da demanda interna e diante de perspectivas econômicas mais sólidas. Atualmente, a taxa de inflação na Alemanha é a mais baixa dos últimos 11 anos.

No mês passado, a Comissão Européia reduziu a previsão de crescimento para os 11 países do euro em 1999 de 3,2% para 2,6%, em consequência da crise financeira internacional.

O ministro das Finanças alemão saudou a decisão de cortar juros, dizendo que a medida con-

tribuirá para a promoção do crescimento e do emprego. No entanto, Tietmeyer e o presidente do BC francês, Jean-Claude Trichet, disseram que o relaxamento dos juros não deve servir de desculpa para que os governos adiem as reformas trabalhistas necessárias para aumentar a oferta de empregos.

Japão registra queda de 0,7% do PIB no terceiro trimestre

Apesar do corte de juros, as divisas européias mantiveram suas cotações em relação ao dólar ontem, um sinal de que o euro será lançado como uma moeda forte em janeiro. Em geral, os juros menores tornam a moeda menos atraente.

No Japão, a Agência de Planejamento Econômico (EPA) informou ontem que o Produto Interno Bruto (PIB) real do país caiu 0,7% no terceiro trimestre do ano,

em relação ao anterior. O resultado corresponde à queda de 2,6% no PIB real — ajustado em relação à inflação e à sazonalidade — em termos anuais. Desde 1955, quando a agência começou a acompanhar o desempenho da economia, o país não tinha quatro trimestres sucessivos de queda no PIB. No entanto, a queda no trimestre está muito próxima da prevista por 16 economistas ouvidos semana passada pela agência Reuters. Eles apontaram uma queda entre 0,6% e 1%.

O mau desempenho reforça os temores de que o Japão, a segunda maior economia do mundo, não tenha capacidade de gerir seu próprio rumo ao desenvolvimento sustentado. Taichi Sakaya, diretor da EPA, disse que será difícil a economia do país cumprir a previsão do Governo de uma queda PIB de apenas 1,8% em 12 meses, até março de 1999. ■

